



POR UMA CRISE DA IMAGEM

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA
A ÚLTIMA TRINCHEIRA
TUDO O QUE SE PODE OFERECER

NICOLAS SOARES

Sobreposição: justaposição; ação ou efeito de sobrepor; aquilo que se coloca por cima; aquilo que se acrescenta; acréscimo; junção.

Texto curatorial do educativo

Em “Por uma crise da imagem”, de Nicolas Soares, a palavra sobreposição nos transpassa ao tentarmos reconfigurar a representação imagética que tem formado e conformado nosso olhar a partir do olhar único, excludente e hegemônico do colonizador.

A sobreposição das imagens nos coloca diante de um pensamento inclusivo, que pretende tensionar e ao mesmo tempo desconstruir a “imageria” que o construto social e histórico nos impele a reproduzir, ou seja, o imaginário das iconografias sacralizadas, institucionalizadas, idealizadas, divinas, que nos afastam da realidade concreta e objetiva.

As imagens da arte! Quem chancela o que é arte ou não? O que as imagens da arte, compreendidas como hegemônicas, contribuem para a constituição das nossas subjetividades a partir de uma compreensão crítica, estética e ética de ser e conviver?

A imagem do corpo ideal, do corpo perfeito! O que os corpos estetizados pelas redes sociais nos impõem? Qual o preço a ser pago na busca desses corpos? E os corpos dissonantes? Que ou quais lugares (des)ocupam?

A imagem das pessoas racializadas! Quem instituiu essa divisão perversa que subjuga, humilha, deslegitima, invisibiliza e inferioriza as pessoas?

As imagens sacralizadas! (In)tocáveis? (In)acessíveis? Imagem e semelhança de quem? Do amor?

As imagens do amor! Por que falar de amor? É preciso falar de amor? Sim!!! Porque falar de amor é um ato revolucionário! Mas quais amores são aceitos socialmente? Quais não são aceitos? Não queremos um amor cego! É preciso amar verdadeiramente! Amor às pessoas, à arte, à vida, à natureza que nos cerca. Amor à ciência! Mas... é preciso lembrar que “o amor é um campo de batalha! A última trincheira!” .

As imagens internas e externas ditam normas de conduta e engessam o preestabelecido, tornando-o discurso oficial, narrativa hegemônica! Para Kilomba (2019, p. 130): “O racismo não é biológico, mas discursivo”. E acrescentamos, ou sobrepomos, o preconceito (religioso, étnico, racial, de classe social, de gênero, linguístico, entre tantos outros) é também discursivo!

As imagens e narrativas distorcidas reverberam em pensamentos e ações, daí a premência da desconstrução e da reconfiguração do instituído hegemonicamente pelo olhar estrangeiro... olhar de quem desconhece, de quem nega, repudia e rejeita, pois essas imagens ferem nossas subjetividades, nossas singularidades, e naturalizam discursos hegemônicos, hierárquicos e preconceituosos, mantendo um processo de dominação e barbárie, bem como os binarismos que enquadram em padrões nossos modos de ser, sentir, amar, conviver e ser afetado pelo amor que “deveria”, a priori, nos unir como seres humanos.

Por meio do consumo das imagens, refletimos e refratamos o poder colonial dualista e binarista que segrega norte e sul, homem e mulher, arte e ciência, branco e preto, corpo e alma, sagrado e profano, ocidente e oriente, colonizador e colonizado. Portanto, faz-se necessário compreender que são essas imagens que também regulam a nossa existência no mundo e, na perspectiva de reconfigurar o instituído do/no imaginário coletivo, pensar o educativo da exposição “Por uma crise da imagem”, perpassa pela sobreposição ou fusão IMAGEM/PALAVRA.

Assim, nosso intuito é provocar uma reflexão/ação diante do que consumimos dessas imagens e narrativas, pois “a imagem em sua função de representação [é que] deve ser estilhaçada” (Soares, 2023), já não nos serve mais! É preciso sobrepor, juntar, acrescentar a elas nossos desejos... desejo que conecta nossos corpos, nossos amores, afetos, memórias e histórias.

O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA contra inimigos visíveis e invisíveis deste mundo tenebroso; O AMOR É UM CAMPO DE BATALHA em todas suas tentativas de driblar as instâncias que estancam o sujeito na condição de subalterno ao próprio desejo (Nicolas Soares, 2023).

Margarete Sacht Góes
Curadora do educativo
GAEU/UFES



Interpretação curatorial

Karenn Amorim

Em Por uma crise da imagem, fui atingida por referências imagéticas tão profundamente gravadas em mim que já não me lembro mais em que momento penetraram na minha mente.

Aos poucos, percebi que estava observando imagens que são um registro do resultado do tensionamento entre a compreensão de si mesmo e imagens sacralizadas pela cultura e pela história da arte hegemônicas.

No entanto, isso não foi feito em um movimento de confronto, mas em um relato de como essas imagens se fazem presentes em um imaginário pessoal, como se fossem duas verdades conflitantes cuja síntese é, no fim, a formação da subjetividade de alguém.

Enquanto meus olhos andavam pelas fotografias, também me conectei com minhas próprias referências e tudo passou a se sobrepor. O fluxo do meu pensamento foi interrompido por Rugendas e Malevich fundidos, descrevendo o conflito que as imagens dessa sala relatam.

Nelas, vi a reinterpretação e a subversão de símbolos e imagens sacralizados pelo regime de representação vigente. São os rastros de uma relação dúbia, de familiaridade e estranheza, com as imagens religiosas e com os cânones da história da arte.

A subversão dessas imagens me pareceu a tentativa de provocar seu desgaste para que também seja enfraquecido o aparato representacional que nos condiciona a lidar com a realidade de forma binária, pela semelhança ou dissidência, onde apenas os semelhantes conseguem se enxergar nos referenciais imagéticos.

Fui sendo levada a uma segunda sala - de atmosfera mais intimista e levemente melancólica -, que me pareceu uma espécie de ato final, onde me senti imersa dentro do aspecto mais íntimo dessa relação ambígua: a formação do desejo.

As naturezas-mortas, os travesseiros, a fumaça e as relações dicotômicas entre peso e leveza; solidez e instabilidade; efêmero e permanente, pareciam me contar sobre um imaginário pessoal que revela o que esse alguém sabe e acredita sobre o amor romântico, solidão e ausência.

Prezadas/os professoras/es,

A exposição “Por uma crise da imagem”, de Nicolas Soares, possui classificação etária, portanto, as proposições foram pensadas para serem desenvolvidas com adultos, jovens e adolescentes acima de 14 anos.

Partimos da premissa que as imagens instituídas hegemonicamente, como representações sociais e culturais únicas, podem sim devorar os “corpos”. Assim, buscando tensionar essa discussão e estilhaçar “a imagem em sua função de representação”, propomos quatro ações educativas, as quais nos convidam a refletir sobre a produção do artista em diálogo com a vida objetiva e concreta.

A **primeira ativação** que propomos são seis percursos pelas temáticas que permeiam a exposição. Como dispositivo para a ativação, sorteie uma ou mais cartas. Reflita sobre as perguntas do percurso escolhido e tente respondê-las.

Percurso Educativo

IMAGEM E AMOR

As imagens, muitas vezes, perpetuam os sistemas de dominação, e uma cultura de dominação é sobretudo antiamor, visto que exige violência para se sustentar.

Refletindo diretamente sobre a capacidade de amar dos corpos subalternizados, corpos aos quais foram negados o ser e o sentir, pense...

Por que falar de amor? Para muitos, falar de amor é sinal de fraqueza e irracionalidade. bell hooks acreditava que o amor é mais que um sentimento, e que amar é um ato revolucionário, é uma ação capaz de transformar: "Escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura (de dominação)".

Para refletir

Que imagens vêm em sua mente quando você pensa na palavra amor?

O que você entende por amor?

Como você aprendeu a amar?

Quem tem direito a amar?

Quem é alvo de afeto e desejo?

Quem merece o amor?

Quais amores são aceitos socialmente? E quais não são aceitos?

Pode o amor tornar-nos mais sensíveis com a opressão e a exploração do outro?

Percurso Educativo

IMAGEM E MEMÓRIA

Estamos postos em uma sociedade atravessada pela presença de imagens, e estas, assim como as palavras, nos constituem.

Se nos remetermos às nossas vivências nos diferentes espaços que frequentamos, percebemos que as imagens nos interpelam cotidianamente e influenciam nossa subjetividade e constituição identitária.

Levando em consideração suas memórias afetivas, pense nas imagens que te cercam e em quais você se sente representado ou não. Escolha um caminho a ser percorrido a partir das obras que despertam sua atenção.

Para refletir

Ao escolher o ponto de partida, o que te chamou atenção?

Por quê?

Dedique tempo para dialogar com a obra. Encontre nela os detalhes que trazem à sua memória afetos, desafetos e histórias vividas.

Quais outras imagens a obra te recorda?

Que sentimentos a obra te evoca?

O que te causa inquietação? O que te causa conforto?

Quais imagens constituem sua memória e quais você tenta substituir?

Qual é sua batalha diária? Você consegue construir imagens por meio delas?

Percurso Educativo

IMAGEM E SOBREPOSIÇÃO

Tanto as imagens da arte sacralizadas quanto quem chancela o que é arte ou não são produções discursivas do colonizador. O mesmo colonizador que instituiu uma divisão perversa que subjuga, humilha, deslegitima, invisibiliza e inferioriza, ditando uma única narrativa.

É preciso tensionar e provocar reflexões sobre as imagens hegemonicamente instituídas, reconfigurando e sobrepondo imagens outras que nos levem a imaginários mais inclusivos e amorosos.

Para refletir

Em que momento uma imagem provocou uma fratura em sua vida fazendo com que você pudesse ver a partir de outros pontos de vista?

Seus sentimentos e as imagens que te rodeiam convergem entre si ou se sobrepõem?

A partir de uma imagem que em nossa sociedade é considerada “intocável”, busque em seu repertório visual uma outra imagem que a sobreponha. Você considera esse exercício possível para a reconfiguração do imaginário coletivo?

POR UMA CRISE DA IMAGEM

NICOLAS SOARES

EU
espaço universitário
secretaria de cultura do UES

SECULT **UFES** Universidade Federal
do Espírito Santo
Secretaria de Cultura

IMAGEM E REPRESENTAÇÃO

As imagens presentes em nosso cotidiano refletem visões pre-estabelecidas. As visões que encarnam as imagens diárias em nossos aparelhos eletrônicos trazem separações realizadas a partir do discurso hegemônico preconceituoso.

Há sempre um certo e um errado, uma aparência de desejo e uma a ser rejeitada, repugnada, binarismos que nos segregam e que na maioria das vezes não nos representam.

Para refletir

Dentro desse dualismo de ideias, podemos nos questionar sobre quais corpos são passíveis de serem amados ou vistos? Quais imagens fazem parte dos nossos desejos e nos representam, e quais transmitem e representam o outro?

Como essas imagens e ideias afetam nossa subjetividade?

Quais imagens você considera intocáveis e por quê? A arte é intocável?

E a imagem do sagrado? É sagrada para quem?

Quais imagens ocupam esse lugar de santidade, ou melhor, o lugar do sagrado?

Você relaciona a representação do sagrado em alguma obra?

Pense em imagéticos sem imagens!

IMAGEM E MANIPULAÇÃO

A manipulação das imagens hoje é uma realidade que distorce o real e influencia as pessoas sobre como devem ser, agir e estar no mundo. Tanto as imagens quanto as notícias são facilmente distorcidas e manipuladas, persuadindo as pessoas de sua veracidade. Esse tipo de prática vem se popularizando por meio das fake news e também da inteligência artificial, em que notícias e situações são forjadas, conseguindo persuadir grande quantidade de pessoas. Com isso, são exigidos uma maior sensibilidade e um maior senso crítico ao ler uma imagem e uma notícia.

Para refletir

Você consegue reconhecer quando uma imagem é manipulada?

Você pode distinguir nos corpos veiculados nas redes sociais o que é real e o que é manipulado?

Mesmo sabendo que houve uma manipulação na imagem, você ainda continua desejando alcançar o que está diante dos seus olhos?

Você acredita que uma fotografia, ainda que não receba edição, pode ser considerada uma imagem manipulada pelo fotógrafo?

Você costuma editar as imagens que faz de si? Como você realiza a manipulação de sua própria imagem?

IMAGEM E PODER

A princípio, as produções de imagens eram patrocinadas por figuras influentes da sociedade. Essas imagens, nem sempre verídicas, se mantêm em caráter hierárquico, embasando nossa relação contemporânea com a produção e com o consumo de imagens. Por exemplo, parte de pensar um processo decolonial é refletir e questionar cenas do Brasil colônia, encomendadas pela coroa portuguesa, corroborando com a invasão do território e a dizimação da população local, população essa retratada de maneira selvagem.

Assim como acontece com estas imagens, cotidianamente somos interpelados por muitas outras que também perpetuam os sistemas de dominação, seja no âmbito econômico, seja no religioso, étnico, racial, de classe social, de gênero, linguístico, entre tantos outros.

Para refletir

Quem constrói as imagens hegemonicamente aceitas em nossa sociedade?

Quem tem direito às imagens?

Quem tem direito de controlar as imagens?

Você tem alguma posição diante do sistema de dominação que te atravessa?

Você tem alguma posição diante do sistema de dominação que subjuga o outro, mas que nossos interesses não são diretamente ameaçados?

A **segunda ativação** sugerida é para ser realizada em uma roda de conversa, mas perpassa, inicialmente, pelo seu olhar individualizado, subjetivo. Então, feche seus olhos e pense nas palavras que estão na folha seguinte.

Que ou quais **IMAGENS** te vêm à mente? Como elas foram sendo constituídas no nosso imaginário? Por que determinadas representações estão impregnadas em nossas memórias? Qual a contribuição da educação escolar para a constituição desse imaginário coletivo? O que fazer para sobrepor ou substituir essas imagens? Após fazer uma reflexão pessoal, compartilhe com o grupo para ouvir outras narrativas.

educação
padrão
resurreição
dominação
arte vazio
manipulação
monumento
hegemonia
imaginário
homem ideal
obra de arte
sobreposição
mulher ideal
sagrado
poder
dualismo
sentir
ensino
colonizador
crise
ser colonizado
presença
memória
fake news
imagem
afeto
corpo
representação
ausência



A **terceira ativação** é a brincadeira “Junta peças”. A partir de recortes de diferentes imagens, junte as peças reconfigurando novas versões dessas imagens. Para ampliar a proposição, selecione imagens consideradas sacralizadas em nossa sociedade e cultura. Recorte-as e reconstrua justapondo/acrescentando outras imagens, com o objetivo de gerar reflexões sobre elas, ou melhor, de colocá-las em crise, e não de resolução. Apresente-as para o grupo dando-lhes novos nomes e propondo novos conceitos sobre como ver e transver uma imagem. Para ampliar o repertório artístico dos estudantes, apresente imagens das obras de diferentes artistas que trabalham com colagem.

Inspiração:

Brian Rael – @raelbrian

Domitila da Paulo – @domitiladepaulo

Heloísa Marques – @heloisamarques__

Eduardo Recife – @eduardorecife_

Eugenia Loli – @eugenia_loli

Gabriel Ribeiro – @gabs_instintocoletivo

Renata Felinto – @fenix_negra_purpurinada



A quarta ativação propõe um diálogo entre
IMAGEM-PALAVRA-VÍDEO

a partir da pergunta: Que ou quais papéis a arte pode desempenhar diante das violências sociais?

Para essa ativação, é preciso uma sala escura, um projetor de imagens e celular para fazer vídeos e fotografias.

Diante das imagens que nos impõem diferentes formas de violências, sobreponha seu corpo, outras imagens e palavras que reconfigurem os modos como as vemos ou como elas podem nos transpassar. Faça pequenos vídeos ou fotografe as sobreposições das imagens para depois analisá-las com sua turma.

Caso não tenha o espaço físico da sala escura, essa proposição pode ser feita utilizando papel vegetal. Imprima nele algumas imagens e palavras (somente na cor preta) e brinque de sobrepor em imagens coloridas (da arte ou da cultura visual) que tenham como tema as violências sociais.

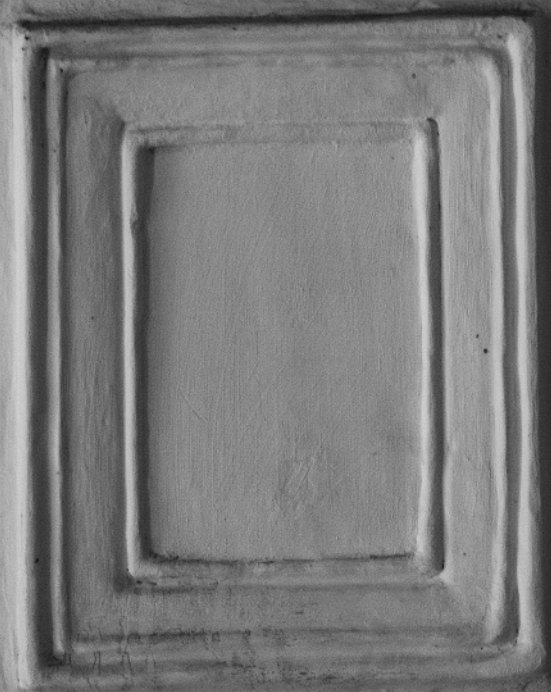
A partir dessa análise, que ou quais conexões vocês conseguem estabelecer com seus repertórios visuais artísticos e culturais?

AMOR

BARBÁRIE

CORPO

APAGAMENTO









Ficha técnica

Exposição:
POR UMA CRISE DA IMAGEM

Artista, pesquisa e curadoria:
Nicolas Soares

Interlocuções curatoriais:
Karenn Amorim

Reitor:
Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-Reitor:
Roney Pignaton da Silva

Secretário de Cultura:
Rogério Borges

Coordenação da Galeria de Arte
Espaço Universitário:
Kênia Tinelli

Curadoria Educativa:
Margarete Sacht Góes

Educativo:
Kênia Tinelli

Arte Educação:
Danielly Tintori

Projeto gráfico do educativo:
Milena Espinoza
Danielly Tintori

Administrativo:
Lucas Martins

Produção Cultural:
Ana Paula Gusmão

Museologia:
Pedro Ibsen Aragão

Preservação e Conservação de
Obras:
Angélica Reckel

Revisão:
George Vianna

Ações Educativas
Margarete Sacht Góes, Kênia
Tinelli, Danielly Tintori, Graziela
Ferreira, Guilherme Brasil, Karen
Nascimento, Milena Espinoza,
Nicole dos Santos Pereira.

Apoio:
Grupo de Estudos e Pesquisas
em Arte na Educação Infantil -
Gepaei/Ufes

POR UMA CRISE DA IMAGEM

NICOLAS SOARES

EU
Espaço Universitário
Secretaria de Cultura do Ufes

SECULT UFS Universidade Federal
do Espírito Santo
Secretaria de Cultura

GEPAEI

Sugestão de impressão

Imprima o arquivo pdf em folhas A4, configurando duas páginas por folha e usando apenas um lado do papel.

As páginas 1; 6; 16; 19; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28 e 29 podem ser impressas em papel vegetal para experimentações de sobreposição das imagens.

